

A PLEBE

PERIODICO LIBERTARIO

FUNDADO EM 17-4-1917

Redator-Gerente: RODOLFO FELIPE

Redação e administração
LADEIRA DO CARMO N.º 7
Expediente à noite

ASSINATURAS:
Numero avulso 1200 - Semestre 53000
Ano 105000 - Pacote: 12 examp. 23000

Toda correspondência, vales e registros
devem ser endereçados à Caixa Postal, 195
S. Paulo - Brasil

PROLETARIOS: Na Constituinte as forças reacionarias se preparam para esmagar a liberdade. A constituição em nome de Deus é um insulto às ideias de renovação; é o regresso ao medievalismo das normas inquisitoriais

A questão social na Constituinte

Que ainda predomina neste país de bachareis politiquieiros a mentalidade escravizadora dos antigos senhores de engenho, temos a prova no descaramento com que se apresentou ao povo brasileiro a celebre "Comissão dos 26", que nem ao menos sente a vergonha do ridículo a que se expõe perante o resto do mundo, que ha-de estar a estas horas pensando que isto aqui fica fora da órbita do nosso planeta.

É ter positivamente muita falta de bom senso, ter-se o absurdo das pretensões com que os membros dessa Comissão, nomeada para revêr o ratinho da montanha constitucional, pretende traír os interesses das classes trabalhadoras. Quando em todo mundo já se cogita de estender as reivindicações proletarias as melhorias de ordem moral e social, neste país, no Brasil, nesta grande terra de recursos inexgotáveis ainda ha quem tenha o desplante de negar os mais rudimentares direitos do proletariado, direitos que apenas cogitam de melhorar a sua situação económica, isto é, atirar aos trabalhadores um óseo menos descarnado.

São positivamente uns patuscos, esses senhores que em época de eleições lançam mão de todos os recursos, desde a lábia despodorada ao banqueiro de aproximação para conquistar o voto dos cidadãos, e depois, uma vez refestelados nas macias poltronas das ociosidades parasitarias de uma constituinte, onde se divertem a ensaiar trenos de oratoria e de calunia, de intrigas e politiquice, gosando a grossa maquia de 1000000 Rs. diarios, fóra os quebrados, ou seja a média de três contos por mês, terem o descaramento de insultar ao povo que os sustenta, negando-lhe os mais comestivos direitos de existencia. Nós não falamos como quem espera coisa diferente da palhaçada que á sombra do povo e em seu nome se está processando no Palacio Tiradentes.

Negamos aos membros da constituinte, como negamos a todas as instituições do Estado, seja ele qual for, a capacidade para resolver os problemas que afetam a vida das classes proletarias.

E negamos pela convicção que adquirimos no estudo dessas questões e porque acompanhámos, com a preocupação de observar, os fenomenos sociais.

Por isso, sabemos de antemão, já o temos dito, que a revolução de 30 depois de atraioçar os interesses do povo que a apoiou, atraioçaria os pro-

prios postulados da demagogia com que foi desencadeada.

A Assembléa Constituinte, consequência de uma revolução liberal (?), está demonstrando a sua alta capacidade sociológica, no desprezo que não esconde pela vida das classes proletarias e no apêgo ás pretensões jesuíticas.

Nem ao menos se lembram de que o mundo está positivamente em marcha, que já fracassaram, faliram, perderam-se na poeira dos tempos as formulas do passado das relações de vida das colectividades.

Precisamente agora, quando no mundo todo se agitam os problemas sociais visando as massas trabalhadoras, os "pais da patria" pendram um rosario ao pescoço, agarram-se ás cordas dos sinos bolorentos das teorias inquisitoriais a badalam os artigos do catecismo como solução aos problemas humanos da liberdade.

Esquecem-se da Historia e não veem que falar em liberdade nas lagas de um catadral constitui uma das maiores aberrações de todos os tempos.

É bastante demonstrativo o facto de que ao mesmo tempo que se agitam problemas da questão religiosa procurando a mentalidade reacionaria do clericalismo introduzir o ensino religioso nas escolas, a Comissão dos 26 dá o golpe de graça nas reivindicações dos trabalhadores, que são direitos adquiridos nas barricadas das lutas sociais e que tomaram forma legal em quasi todos os países em consequência da pressão feita pela rebeldia das massas.

Isto quer dizer que se os trabalhadores não reagirem a tempo contra a vilania desses algozes que ainda veem o operario pelos trapos que veste, teremos no Brasil, em nome de deus e da Santa madre igreja, a maior das tiranias formuladas em lei nésses abortos que a fermentação do caciquismo burguez vai dar ao Brasil.

As leis são votadas, feitas e postas em execução pelos que tem interesse em conservar as instituições burguezas do desequilíbrio social.

Os grandes sábios, os grandes revolucionarios são postos fóra da lei.

A Comuna de Paris

O movimento insurrecional de 18 de março de 1871 não foi socialista em sua origem. Nascido da exasperação popular contra um governo que, por médo da revolução, entregara Paris, alma da França, aos exercitos alemães, foi a principio patriótico e republicano; mas deixou transparecer tendências socialistas, apesar das dificuldades da situação e das faltas do governo comunista puxado para diferentes lados por jacobinos, blanquistas e internacionalistas. Estes últimos formavam o elemento estudioso mais inclinado ao moderatismo, a pior das politicas em



tempo de revolução; entre eles, Malon, Lefrançois, Vermorel, Varlin, Longuet, que depois se aproximou da burguezia radical, tinham um valor real. O seu ideal tendia a uma descentralização política, — a comuna administrando-se por seus mandatarios eleitos, — e a uma centralização económica, — o Estado substituindo-se á oligarquia capitalista como proprietario do solo, dos canais, das minas, dos caminhos de ferro, da maquinaria industrial em sumá, o socialismo estatista. Com tudo isso, esses homens postos no poder foram, até ao último dia bonicos diante do governador do Banco e do alto pessoal dos estabelecimentos financeiros. Em favor do povo, só souberam promulgar dois miseraveis decretos, um perdoadando os alugueis trimestrais de casas vencidos (outubro de 1870, janeiro e abril de 1871) que os proletarios, exaustos pelo assédio, estavam absolutamente impossibilitados de pagar; o outro restituindo os objetos empenhados no Montepio por menos de 20 francos. A isto juntaram, no fim, a promessa duma pensão dada ás viúvas dos federados mortos pelo inimigo, então que a vitória se tornava cada vez mais impossivel, e por isso a massa abandonou-os: a Comuna, aclamada no principio por duzentos mil federados, não teve, nos últimos tempos, mais de quinze mil defensores convictos. É certo que, na sua mania de fazerem de estrategistas, os romanticos que tinham tomado a seu cargo a direção das operações militares haviam privado o exercito insurrecional de cerca de dez mil homens, mortos, feridos gravemente ou aprisionados nos combates travados á vista de Paris.

CARLOS MALATO.

O fracasso integral do integralismo

Em fins do mês proximo passado realizou-se um simulacro de congresso do integralismo Salgado, na cidade de Vitoria, no Estado do Espirito Santo. A escolha dessa cidade foi obra de cabotinismo puro e simples.

Que o integralismo vá de derrota em derrota, que se vá encolbendo na sua insignificancia, reduzindo-se á expressão mais simples como movimento social, já não restá dúvida. Todo mundo sabe e vê que os exercitos do des"esperado" Plinio estão virando sorvete pelo caloroso indiferentismo da opinião pública e pela pancadaria grossa que recebe da maioria dos jornais do país.

De agora em diante, sempre que consigam o favor de um canto de columna nos jornais para que lhes publique as comunicações, terão o cuidado de escrever — no congresso da vitoria. Se algum der o estrilo por não comer bronha, a culpa cairá sobre o datilógrafo que em vez de escrever "de vitoria, deixou cair o a, e, por descuido, ficou, da vitoria. São integrais até na cabotinagem.

Terminado o congresso da Vitoria, (de vitoria) depois de cobertos com o manto do indiferentismo por toda a extensão da trajetória — leiam-se os jornais de Campos, e de outras localidades — depois de "pixados" que foram, em Campos, só lhes restava o coroamento do ridiculo, e este o receberam em S. Paulo na manhã radiante de Sol de domingo último.

No "comunicado" publicado na "Folha" desse dia, lia-se o programa dos festejos com que tinham em mira atrair o povo para o espetáculo da recepção ao chefe e aos chefetes. Banda de música, desfile, "formação" e

O fascismo é a ultima arma da burguezia na defesa das instituições do acabouço social vigente.

Vencer o fascismo equivale a estabelecer o principio da igualdade social.

"cumprimentos de estilo", e quejandas tolices integrais;

Vimos o desfile e diremos aos nossos leitores com toda a lealdade que ficamos "surpresos" pela grandiosidade do fracasso.

Um cento, se tanto, de "moços de 15 a 70 anos, tomaram parte no cortejo, puchado por uma banda de músicos vestidos de branco, como prova de sua innocencia no papel que estavam representando, a troco de uma cobiza.

O "povo" olhava e sorria, com esse sorriso do sarcástico irônico da indiferença ou do desdém.

Os "milicianos", desapontados ante o geladissimo acolhimento, marchavam com as pernas bambas cabibambas e envergonhados do papel que estavam representando.

Com o programa na mão, a horas tantas quisemos ver mais um pouco da "coisa" e nos dirigimos para o largo da Sé onde deveriam passar, rumo ao Largo da Liberdade.

Onde se viu, como era possível que os integralistas realizassem integralmente o seu programa?

Que tinham que cheirar os integralistas no largo da Liberdade e no monumento de Feijó que foi "emancipador", enquanto que o que eles querem é justamente acabar com a liberdade e escravizar a nação?

Isso foi pilheria do programa. Tanto o foi, que depois soubemos que ás 11 horas os "centauros" (porque centurias não havia) da Modica, já estavam de volta aos seus cortijos para entrarem na "macarronada co'a pomarola in gopa. Pois soubemos que 80 0/0 do grosso da tropa é formada por pobres diabos mussulinistas que do integralismo só lhes interessa a camisa que lhes forroce.

Fazia parte do programa, como não podia deixar de fazer, um ato de contrição perante o todo poderoso convento de S. Bento que talvez seja de onde é fornecido, ao menos parte, do ouro necessario para todas essas excursões e exhibições dispendiosissimas dos integralistas.

Lia-se no programa: "O chefe nacional e comitiva, saindo do hotel, irão se colocar á frente da milicia, ingressando na igreja, onde será celebrada, ás 9 horas, a missa em ação de graças pelo grande exito do Congresso de Vitoria."

São como os camaleões que procuram as tocas dos morcegos.

ESTILHACOS...

TATO SUBIU NO PAU...

Em São Paulo-civil, das verdes cafeais,
Outra vez perturbando o povo que trabalha,
Anda o P. R. P., nos vastos arroiais,
A's marradas ao Pê, que o tanto diabo valha.

Por causa do "tatê", ha gritos infernais,
Na vasta podridão da vil politicalha;
Ha caposiras e coices e ha saltos in-mortais;
Um dis que mala e outro afirma que escangalha.

E o povo que produz, que nada tem com isso,
Ao vêr essa bagunça em torno de um chouriço,
Fica espiando de longe a luta contra o Pê;

E aguarda com prazer a furia dessa ranga,
Pensando em se livrar de uma e outra canga,
E ambos escorraçar a raba de tatê...

FREI JOÃO SEM CUIDADOS.

A Comuna de Paris

Hoje á noite, no Salão da Federação Operaria, rua Quintino Bocaiúva, 80, haverá uma sessão comemorativa da

COMUNA DE PARIS.
Falarão entre outros oradores, os camaradas G. SOLER e HERMINIO MARCOS

Em torno de uma obra significativa

(conclusão)

Dessa forma se acirrou, vertiginosamente o antagonismo entre proletários e socialistas; desse estado de coisas deveria surgir uma sub-escola, uma religião secundária — digamos, — que não temeria tanto como os socialistas de ontem e burgueses de hoje, a crítica e análise de Karl Marx e sua obra; o comunismo veio, de certo modo, repletar para a doutrina marxista os desconfortos e decepções do conservadorismo social democrata.

Mas, embora pese à sua orientação crítico-constructiva do ideário marxista, os comunistas caíram também no defeito mais característico do socialismo: o culto místico à infalibilidade marxista.

A todos enganou esta dualidade na interpretação do seu dogma; e ainda hoje o reflexo do Poder desorienta a juventude, lançando-a, à prova de tóque, no pessimismo doentio, no scepticismo. Uma dessas consequências desastrosas se reflete na personalidade de Hildegart e talvez o seu livro "Se haverá equivocado Marx?" seja o produto magnífico da amargura que deverá ter sentido ao ver homens que, antes do 14 de Abril defenderam doutrinas e ideias que, triunfante a República na Espanha, refastelados nas posições diretivas, esqueceram ou não quiseram realizar no governo.

Passaram os anos. A persistência do regime capitalista, as elucidações do socialismo governamental, e mesmo do comunismo soviético, acabaram com os cantos de glória, com as bajulações, com o lirismo dos inflamados pelo fogo divino: "Chegamos ao momento das realidades" diz, com amargura, Hildegart.

Isto não é materialismo grosseiro; poderá ser, no seu fundo, realismo, e este não é mais que uma verdade em ação.

Os tempos atuais evidenciam este fato: se queremos que o mundo progressivo devamos ir até à realização das ideias.

Ao século passado coube condensar, no processo da civilização presente, as especulações ideológicas; o século atual deve ser de realizações dessas ideias, que no terreno material se processam no dinamismo da indústria e nos mil e um aparatos com que o homem procura realizar a sua aspiração de comodidade.

Sentindo tudo isto, pôde-se em contacto com esta marcha da humanidade, é que Hildegart afirma, de modo que nos parece excessivamente descarnado, talvez impróprio de uma jovem o conceito acima transcrito.

A UNIDADE PROLETARIA E O ESTADO

Os espíritos septicos se tornam compreensivos; é essa compreensão que os coloca acima das mesquinhas quotidianas que envolvem a maioria dos mortais.

Só os espíritos compreensivos são capazes de ver na conciliação, na harmonia, na solidariedade e na união, o único meio de prosseguir o cultivo de um terreno de aparência árido.

É o tópico, tantas vezes repetido que sustenta Hildegart:

"É preciso que o socialismo se concilie com o individualismo e que ambas teses, em lugar de opor-se, possam constituir em todo harmonioso como corresponde a nova sociedade do porvir."

É logo, ao recordar umas palavras de Fouquier, insiste:

Não é mistér decidir o dilema pró ou contra qualquer dos termos que se nos oferecem.

O individualismo pôde conciliar-se com o socialismo, sempre que se procure não atomizar a personalidade individual, mas exalta-la desenvolvendo as iniciativas da colectividade ou massas para que os genios achem, não a aparição até aqui restringida de determinada classe social, mas, ao contrario, que contem com meios para destacar-se facilmente todos quantos até aqui tem estado privados por esta injustiça na distribuição da cultura — a mais grave, no meu entender, de todas as injustiças — de achar o abono adequado quando fertilize as suas até então agrestes inteligencias e que lhes permitisse redimir-se da sua posição de verdadeira escravatura.

Hildegart estima, pois, e acha louvável todo esforço mancomunado de homens que ainda que afastados ideologicamente — e dentro claro está de um amplo conceito de justiça — visam fins comuns no bem da humanidade.

É essa a ideia que ela sente necessidade de inculcar na mente dos homens que pensam, afim de preparar o seu intelecto e o seu espirito para o desabrochar de sua vida numa organização verdadeiramente socialista, quer primem nela os individualistas, colectivistas, socialistas ou comunistas.

É esse o espirito de compreensão e de harmonia de que se devem impregnar as lutas do futuro.

defeitos que, causados por um estado morbido, se assinalam na sociedade capitalista.

É segundo Hildegart, o ultimo reducto da burguesia é o socialismo: "A burocracia jogou uma cartada magnifica."

Retira suas forças, mas para deixar entre elas o inimigo, embora racha-las com o vinho da vitória aparente e uma vez dormidos manietos, segurando-os bem nas prisões a que se destinam e impondo-se-lhes, firmemente, ainda mais do que antes, com o triunfo subseqüente do fascismo.

O panorama que desvendam estas palavras é cabalmente o da Inglaterra, Alemanha, França e Espanha.

Porém há ainda coisa mais grave: deixar a direção dos sindicatos operários nas mãos dos políticos é proporcionar a estes um novo meio em que medrar: imediatamente se convertem em casta — quando não em dinastias — e o burocratismo é o resultado mais imediato e perigoso da politica mercantilista que se intrumete nas organizações obreiras.

Críamos, pois, dentro das organizações operárias uma burguesia e um capitalismo ou aristocracia que estendendo-se e ramificando-se em sucessão direta ou co-lateral umas vezes, até sogros e sogras, outras de mera amizade, companheirismo ou influencia, recolhem os cabos dos elementos mais influentes nas organizações, e ainda, como diziamos, se acaso vale a pena, de famílias inteiras, e formam uma rede emaranhada, que impedirá ás massas trabalhadoras, em nome das quais se tem feito tão maquiavelicas combinações todeprotesto.

e imposturas, sem o menor movimento de protesto.

Continuamos, pois, a trajetória errada é falsa do marxismo e seus derivados; o afan de impôr de cima para baixo; de um à colectividade.

É preciso raciocinar. A massa pôde e deve fazer-lo; deve dispôr-se a impôr de baixo para cima, do simples para o composto."

Deuse flagelo pôde escapar o sindicalismo, sempre que os seus orientadores sejam sinceros em suas palavras e ações — com o qual, sem declarações e sem incluí-lo expressamente nos princípios ideológicos, fica desalojada a politica.

Afirma categoricamente Hildegart que:

O Estado se converteu em fetiche das organizações e partidos burgueses."

A organização estatal mais avançada, e que por isso aceitam e defendem os socialistas é a Democracia, e nesta o regime parlamentar.

O socialismo parlamentarista se transformou em um fator constitutivo do Estado, e é um dos agentes da ação solidaria da democracia, quer dizer, sua atenção real, sua existencia presente, é oposta à scisão precisa, necessaria, indispensavel entre o proletariado e a burguesia.

Não podemos considera-lo interprete das realidades sociais, nem das exigencias da sociedade nova."

Ricardo Fornells num artigo publicado em "Sindicalismo", de Barcelona, do dia 17 de Março do ano passado, tem palavras que se remontam à aquella afirmação de Bakunine recordada por Isaac Puente, e reproduzida neste mesmo trabalho.

Se é o socialismo o partido por excelencia que na sociedade burguesa a democracia affiança ser uma grande conquista politica, com o pretexto de lograr o poder e realizar o governo do proletariado; desde que são os socialistas quem afirmam com fatos e doutrinarimente a estabilidade do Estado em todo regime de convivencia social, se conclui da frase de Hildegart que eles são ineptos representantes da burguesia.

De mais a mais, não é um conceito novo.

Inferese o mesmo de umas palavras de Engels: "O Estado moderno e representativo é uma arma dos capitalistas, exploradores do salariado."

Sem rebuscamentos nem forcejos ideologicos pode-se, pois, afirmar que os socialistas, sustentadores do regime representativo e da democracia, são a mais pura cêpa capitalista, ou, ao menos, fiéis guardiães dos interesses da burguesia, como o foram em suas pessoas.

Das proprias palavras de Engels resulta que nem mesmo num regime comunista se justifica o Estado, posto que nesse regime terá desaparecido a propriedade privada, uma vez que esta se funda sempre em diferenças e antagonismos de classe.

Num sistema social em que os membros da colectividade estejam na mesma categoria; em que, entre os membros que a compõem, solidarios na vida comunal, não haja possibilidade de opressão ou predomínio de uns sobre os outros, o Estado desaparecerá por inerçia, por aniquilamento, como se atrofia o membro não utilizado de um organismo.

AURELIO FUENTES

O magnata da industria Francisco Matarazzo, ha pouco completou 50 primaveras.

Tantas floradas de peceguero tontelam e desequilibram os rebreos, e esse desequilibrio chama-se caduque quando se verifica com a vulgaridade dos homens. Mas esse homem sendo Matarazzo, e Matarazzo sendo o maior magnata da industria e do commercio do Brasil, já não tem o nome de caduque.

Não. Com esse illustre millonario, a colsa transforma-se em filantropia, em generosidade, em generosidade, em bondade e outros nomes bonitos.

E depois é homem de sorte, muito querido pela população e, sobretudo, pelo operariado.

Basta dizer que teve uma colossal manifestação espontanea de todos os operarios e operarias que não quizessem perder o emprego por não tomar parte na mesma. Foi uma manifestação tão espontanea que na vespera já o seu secretario havia epcomendado á Light todos os bondes necessarios para o transporte do gado humano que nogueira em suas fabricas e officinas para o lugar da concentração espontanea do proletariado em homenagem ao seu "bemfeitor".

Os mestres de todas as fabricas soltaram a seguinte falação: "amanhã não se trabalha mas ganha-se meio dia só com o ir "espontaneamente" saudar o nosso chefe. Quem não fór, sem causa justificada por doença, será considerado ingrato e para os ingratos não ha lugar nesta casa".

Essas medidas todas fez com que a espontaneidade, radiante de entusiasmo, se expandisse pelas ruas da cidade conduzida pelos bondes especiais.

Para divertír a senilidade do conde, houve cênas iguais ás do Jardim dos Suplicios, descritas por Mirbeau.

O velho Matarazzo, em lugar de atrair as celebres ratanzas aos famintos chinezes atrava premios entre seus protegidos.

E divertira-se satanicamente:

Quem dentre vós fizer anos hoje, tem 500\$. Quem completar hoje tal ou qual coisa (tem 200\$. A mulher que parir no dia de hoje tem isso, a que parir até dia tal, tem aquilo, o desgraçado que até o fim do mês completar 20 anos de serviço na casa tem tanto, quem fizer tantos, tem outro tanto. E a cobija la sendo desencadeada, e as decepções iam correndo o coração dos que não acertavam na diabolica loteria matarazziana.

Por fim, para ser agradável ao duce, seu amigo, pôe a premio 500\$ para os seus operarios que se casarem até o fim deste mês.

E dizer que, infelizmente, o proletariado ainda se presta á semelhante palhaçada...

Será que os operarios ainda não sabem que a dezena ou centena de contos que o seu "bemfeitor" gastou brincando com seus sentimentos e dignidade os pode recuperar num só dia, numa unica transação de vulto sobre um determinado artigo?

Não sabem os trabalhadores que só com a alta provocada no preço do touchinho, de 50% em uma semana, o seu "bemfeitor" tirou da povo milhares de contos?

Como é vil a caridade, como avilta os corações a cmola!

DIA 7 de Abril Festival pró "A Plebe"

Realizar-se-á, no dia 7 de Abril proximo, no Salão da Federação Operaria, á rua Quiatino Bocaiúva, 80, um festival artistico-literario pró "A Plebe".

Do seu programa, organizado a capricho, constam excelentes numeros de musica, declamação, recitativos, anedotas, etc.

A parte principal do programa é constituída por exlímio violinista que fará um concerto com musicas escolhidas, classicas e modernas.

Os ingressos poderão ser procurados em nossa redação, na redação de "A Lanterna" e nas secretarias dos sindicatos filiados á Federação.



Anarquismo, sindicalismo e Revolução Social

(Continuação)

A marcha irregular e o desmoronamento galopante do sistema capitalista não é suficiente para provocar a revolução social libertaria. O mais que pode acontecer, em virtude das contracções económicas que abalam o regime, são motivos esporádicos — mais ou menos intensos, e movimentos arruaceiros que visam satisfazer imediatamente uma premente necessidade material. De passo diga-se, que embora a tendencia natural do povo seja a do bem-estar integral, nem por isso, esse mesmo povo, deixa de sofrer as consequências malignas da falta educação que recebe de seus preceptores officiaes. Daí que o conceito de justiça, um tanto confuso, tenha solução de continuidade. Isto é: justiça, dentro da ordem e da lei. A revolução social libertaria tem por fim destruir essa falsa interpretação da justiça, e não se confunde com movimentos politico-económicos, chefiados por este ou aquêle partido. É a revolução do povo livre contra todas as instituições historicas que vislumbramos, e por essa mesma razão não somos chefes de nenhuma revolução. Aliás a revolução não é nenhum fato que se está gestando no ventre do atual organismo social e que espera o tempo necessario para seu cumprimento intra-uterino e ver a luz meridiana do dia. Se assim fosse, poderíamos ser anarquistas e colaborar com o Estado. A revolução que preparamos é a desobediencia presente ao Estado e ás instituições que sustenta. É lenta, mas é sólida. É um processo pratico e revolucionario não contribuir para a conservação do Estado: é ser digno de si mesmo.

A revolução social libertaria não é uma fatalidade historica: é um fato conscientemente produzido pelas forças vivas da sociedade que reagem contra as imposições insolentes e barbaras do meio em que vive. O meio social faz o individuo, não resta dúvida, mas de uma forma relativa, porque o individuo é quem o forma, e age constantemente contra esse mesmo meio. Assim sendo, estamos longe de pensar em uma revolução libertaria, organizada por elementos não libertarios, cheios de preconceitos autoritarios, esquecidos desse axioma científico de que a função faz o orgão. Colocados neste prisma, cabe-nos desbaratar qualquer tentativa de successo estatal, embora se apresente com tendencias libertarias...

O sistema capitalista entrou numa fase de nova evolução económica, moral e politica, muito critica, e que tende a agravar-se infinitamente, com todas as características de uma manifestação catastrófica para o género humano, salvo se força maior acudir a tempo e evitar que o autoritarismo cumpra seus bárbaros designios.

A teoria sindicalista, que aparece na historia simultaneamente ao regime capitalista, é, por sua íntima natureza, um organismo chamado a contrabalançar a balança burguesa, não permitindo que o egoísmo burguês ame os fóros do individualismo crasso que o regime lhe faculta. Trata-se de equilibrar a bolsa capitalista de forma a despartir a calamidade que o regime representa para a humanidade. Em síntese, pode-se dizer, que o sindicalismo é a racionalização do capital e do trabalho. Basta dizer que o Estado não é combatido e é chamado, em muitas ocasiões, para resolver amigavelmente, o litigio entre patrões e operarios. (*) Não é novidade alguma que o operariado, organizado em fortes associações de resistencia, tenha servido de instrumento dos politicos em tempos de agitação eleitoral. Estas particularidades politicas tiram ao sindicalismo toda a natureza de ser uma instituição permanentemente económica. Logo, esse duplo movimento que executa na esfera social, deu margem a que se criasse uma teoria, que se basta a si mesma, com todos os predicados de uma verdadeira filosofia social e humana. Resta dizer que o movimento moral dessa doutrina sindical é um amontoado de conceitos autoritarios, convergendo para um centro comum de irradiação, capaz de competir com as férreas ditaduras dos atuais governantes. O proletariado assim orientado, não passa de ser um simples instrumento nas mãos dos politiqueros. Cabe aos trabalhadores conscientes reagir e varrer do campo da luta proletaria esses elementos que procuram imiscuir-se entre eles com o intuito de tirar proveito pessoal, e ao mesmo tempo semear a discordia e a confusão, como verdadeiros cavalos de Tróia.

Os trabalhadores devem-se lembrar que o mal que atualmente sofrem tem suas raízes no sistema social imperante, e que suas inquietudes só serão reparadas, quando se destruir o regime da propriedade privada e se eliminarem os ultimos vestigios de autoridade. O Estado, eis aí o maior inimigo do proletariado: éle é quem garante, por meio

da força armada, a íntima exploração do homem pelo homem; que patrocina as guerras e fermenta o odio entre os povos; em fim: é o moloch das politicas que se alimenta de carne humana. A organização revolucionaria do operariado só pode surgir efeitos satisfatorios quando, orientada no sentido da reta; nada de curvas. O inimigo é comum: capitalismo e Estado; a ambos se entendem e se procuram também para combater ao seu inimigo comum: trabalhadores conscientes e libertarios amanhã.

Sendo que o Estado e o Capitalismo se abraçam para a defesa comum de seus interesses, é preciso que o organismo revolucionario do proletariado, estenda sua ação: revolucionaria, de forma que suas facetas incandescentes, atinjam o coração dessas entidades. Não basta o processo de boicotagem, comunemente empregado contra o patronato, senão que esta ação seja extensiva aos arsenais de guerra e ás urinas que se ocupam na fabricação de material belico. A não ser assim o *lockout* arma usual da burguesia contra os trabalhadores, pode, com o auxilio do Estado, fazer abortar qualquer movimento reivindicador do proletariado. Além disso, revolucionar a mentalidade do proletariado, tornando-o elemento organico e efetivo da revolução, é de imprescindível necessidade, porque um raio de ação compreenderá, não só a luta contra o patronato, mas ainda contra, as instituições vigentes. Alí o caracter revolucionario do movimento proletario será mais humano, e revertirá em beneficio de todos. Não acontecerá o mesmo, se o operariado simplesmente se organizar e constituir sindicatos de classe movido por interesses imediatos, olvidando que o fundo da questão não é a luta contra o patronato. Não deve ser questão de *dominar*, o sentimento que mova o movimento insurreccional da massa trabalhadora, porque as consequências seriam desastrosas e o problema social ficaria sem solução; porquanto o máximo que se logrará será destruir uma casta e colocar imediatamente outra. Desenvolver o espirito de desobediencia entre trabalhadores contra todo e qualquer principio de autoridade, seja este interno-disciplina instituída pela propria corporação dentro do sindicato — ou externo-disciplina imposta regularmente pelo Estado — é de incluível importancia para o bom êxito da revolução social libertaria. Deve-se enagar a organização proletaria como um meio pratico de propaganda revolucionaria, nunca como um organismo que está chamado a suplantir a burguesia no dominio da produção e consumo. Neste caso, não sairíamos do círculo vicioso em que estamos metidos.

M. GARCIA

(*) O autor refere-se ao sindicalismo como doutrina isto é, ao sindicalismo legalitario.

"OS IGUAIS"

Porto Alegre — R. G. do Sul

Por esta agrupação riograndense foi distribuído aos trabalhadores um longo manifesto doutrinario do qual destacamos o seguinte trecho:

"Neste momento de confusão, de inquietude, desespero e lutas que o proletariado internacional atravessa, temos que caminhar tranquilos e serenos com passos firmes e seguros, cheios de otimismo propagando pela emancipação integral da especie humana, sem temer os arsenais guerreiros de que dispõem os inimigos da especie, com seus canhões, suas metralhadoras e suas carabinas e que não trepidarão a lançar sobre nós até gases asfixiantes.

Tomando por base a Revolução Francesa, sabemos que um povo verdadeiramente revoltado pôde destruir todas as bastilhas."

É um manifesto bem apresentado, contendo muitos ensinamentos que os trabalhadores devem ler.

"PECADO DE SIMONIA"

Precisamos de varios exemplares dessa comedia de Neno Vasco, para atender-mos a pedidos que nos fazem amigos do interior que pretendem presentear-la.

Quem tiver algum exemplar, que não precise, pode manda-lo, á nossa redação, que serão bem aproveitados.



Federação Operária de São Paulo

Nota oficial

O VALOR DAS LEIS SOCIAIS.

Tanto na primeira como na segunda República, a classe trabalhadora vive à mercê do patronato.

Nenhuma garantia lhe trouxe a criação do famoso Ministério do Trabalho e sua legislação social.

Para o que, realmente, serve este novo ninho de burocratas, é para acobertar irregularidades que são verdadeiros crimes e garantir a impunidade dos exploradores deshumanos.

A explosão do dia 5, verificada na fábrica de inflamáveis da firma Stall Telles & Cia., demonstrou, melhor que os argumentos que se possam alegar, o valor que possuem as leis, quando estas beneficiam os trabalhadores.

As vítimas, que segundo se desprende do inquérito estavam manipulando dinamite com a necessária autorização do Departamento do Trabalho e do Serviço Sanitário, eram todas menores.

Dois faleceram horrivelmente mutilados: Alberto Vitorino e Olivio Rezutti, de 17 e 14 anos respectivamente; e gravemente feridos ficaram Alberto Sant'Ana, de 14 anos; Benedito, de 19; José Locava, de 14 e João Antonio Fernandes, este de 22 anos.

A Lei de Menores estava sendo burlada, não à revelia das autoridades,

des, mas com o seu consentimento.

Se alguém se dresse ao trabalho de visitar as inúmeras fábricas da Capital constatará que, em sua maioria, particularmente na indústria do vidro e têxtil, os menores são explorados impiedosamente, em numero elevadíssimo.

Dentro do regime capitalista não há solução para os problemas do operariado.

A exploração de menores que estabelecem concorrência aos pais; o mau passado, a fome, a corrupção, o crime, a prostituição, o roubo, a degenerescência pelo álcool, são os frutos que nos dá essa sociedade felizmente agonizante.

Em vez da cultura, o desenvolvimento, a educação para os filhos proletários, a burguesia aniquila-os, mata-os, inutiliza-os, degenera-os.

Em vez do ambiente sadio, higiênico, comodo, onde se deviam desenvolver as filhas proletárias, a burguesia corrompe-as nos imundos cortiços das habitações coletivas, aniquila-as nas fábricas, lança-as nos abismos da prostituição em consequência do seu estado de penúria e imoralidade.

Para evitar esse estrachalhamento das coletividades humanas, só há um remédio:

A posse pelos trabalhadores do produto do seu trabalho e a administração direta dos trabalhadores em toda a riqueza social.

Notas e comentários

"Choque traumático" ou crime social?

A ciência oficial, a sabedoria acadêmica e os conhecimentos profundos da medicina atestaram com todos os sacramentos da burocracia policial legal o "choque traumático" a duas infelizes criaturas que encontraram a morte numa explosão de dinamite nas cercanias desta capital.

Nenhum jornal, nenhum dos tantos órgãos criados pelas "leis sociais" para fiscalizar a higiene nas fábricas e segurança dos trabalhadores tomou conhecimento de que as vítimas do "choque traumático" foram dois moços, quasi crianças, pois um contava 18 e o outro apenas 15 anos de idade, que para ganhar o pão de cada dia, trabalhavam numa fábrica de explosivos.

Essa consequência da explosão apresentavam os corpos horrivelmente queimados, conforme se vê pelo laudo pericial.

Olivio Pesuti de 15 anos como L. Pagano, de 18, apresentava queimaduras na cabeça, pescoço, tronco e membros: arrancamento dos globulos oculares, fratura dos maxilares: ferimento lacero-contuso, com arrancamento de tecidos no labio superior com fratura da arcada dentaria; ferimento lacero-contuso na região precordial com arrancamento de tecidos e fratura de duas costelas; ferimento lacero-contuso na mão esquerda com arrancamento de tres dedos. Foi atestada identica "causa mortis": "choque traumático".

Além das duas criaturas que encontraram morte tão horrível, de explosão, causou mais cinco vítimas que foram recolhidas em estado lastimoso ao hospital. Entre duas mortes e cinco feridos, havia duas crianças de 14 anos, duas de 15, duas entre 18 e 19 e uma de 22 anos.

E' doloroso constatar-se que um crime social, que vitima sete seres humanos em plena primavera da vida, desperta menos interesse nas rodas "sociais" de que a morte esportiva de um que foi rei na Europa.

De Norte ao Sul

Os reacionarios do poder desmentem, com seus atos, a mistificada liberdade de imprensa.

De Pernambuco recebemos uma carta que publicamos noutra parte, relatando uma série de perseguições que a policia do Estado vem movendo contra os nossos companheiros pelo crime de receberem "A PLEBE".

O sr. Lima Cavalcanti, como interventor e regulador maximo daquella unidade do país, como filo-fascista que é, ordena ou permite que a seus janizaros prendam ou molestem aos libertarios pela sua ideologia. E' a applicação dos métodos mussulinicos de que ele é admirador nas terras pernambucanas.

Não protestamos contra essa infamia: Denunciamos-la ao público e aos camaradas em geral para que tomemos as medidas possíveis e necessarias para que "A Plebe" continue a ser difundida. Si não permittem a sua difusão pública, façamo-la clandestinamente. A ideia de liberdade é eterna, os despotas, passam...

Das cochilhas sulinas, da terra de Bento Ribeiro e de Castilho, também nos chegaram, por varias vezes, reclamações sobre o não recebimento de "A Plebe". Posteriormente ficou aclarado o caso: "A Plebe" está sendo apreendida nos correios de Porto Alegre.

O general Flores da Cunha, como general da companhia de Jesus, isto é, como perfeito católico que é, não tem tempo de rezar, mas lhes sobra para ordenar medidas retrogradadas e reacionarias em "seu" Estado e não contente com isso, procura influir com seu capricho taeanho na politica de todo o País no sentido de ser útil ao clero-católico-romano.

E como o clero romano tem medo da luz e combate as ideias libertarias, facil lhes foi arranjar com o sr. interventor algum favorzinho, e mo seja a não entrega da "A PLEBE" aos assinantes e aos que reclamarem, algumas horas de prisão e um srápio eléctrico-policial para que deixem de ler, de receber e de propagar o n. 50 jornal.

Que adianta protestar, si o retrato do general já foi benzido na sacristia da catedral?

"A Plebe" em Campo Grande (Mato Grosso)

Houve nesta prospera cidade, no dia 19 de Fevereiro p. p., uma reunião de propaganda dos chamados "Integralistas".

Homens sem fé no futuro negro que os espera, (pois o edificio burguês está ruindo na base), lançam a voz das serenas para o lado proletario, o eterno, o explorado.

Serviu de explanador o Dr. Sebastião Lins, grande tribuno, que leva para o paleo caixas de mel para serem distribuidas pelos antigos bois de carga, que principiam a saber a força que tem.

S. Excia., depois de muito blasfemar contra os operarios, diz que só não aderirão ao "Integralismo" os comunistas e anarquistas, pois sonham com um mundo que nunca hão-de ver, que são seitas utópicas.

Sim, seriam utopias se nós seguissemos S. Excia.; mas, hoje, com o operariado consciente e ciente que tem servido de escada para levantar os seus proprios verdugos, hoje, o Capital cai... mas cai sozinho.

"Padre, Patria e Familia, é a nossa divisa", diz S. Excia.

De padres, nós já estamos saturados e como temos diariamente o exemplo dos seus atroiantes conselhos e dos seus famigerados atos não necessitamos gran-

de esforço para compreendermos quanto tem sido prejudicial aos interesses da humanidade.

Breve, serão eles expulsos daqui, como o têm sido de outros países.

Patria! Isso, Dr., já é tão velho, que não serve mais para tapar o poro Patria, para S. Excia., (amigo do conforto pessoal, e vigoroso defensor dessa sua verdadeira seita), é altos cargos, empregos rendosos, mando, poder, honrarias, etc... boa Patria essa... barriga e bolsa; quando nós, o nascermos, vemos o mundo, ou a luz do dia, vemos o universo e não o nome do país em que nascemos, e se não fosse o egoismo burguês, que bela terra não seria esta, sem fronteiras e sem alfândegas.

Familia! Isso nós sabemos perfeitamente que somos descendentes de boas mães, que as temos e temos que ter.

Companheiros! E' a prepotencia e a submissão que se levantam com o integralismo. E' preciso combatê-lo.

Operarios brasileiros: não deixeis que o monstro vos esmague.

J. SO'

Munições para "A PLEBE"

Contribuições, assinaturas e venda avulsa na redação

Eugenio, 2500; Um vidreiro, 25; Festas, 18; Santista, 500; Barrio, 25; Evaristo, 45; Ernano, 18; Aguilari, 18; Aroca, 35; Doca, 55; C. Civil, 3000 e um donativo, 18; Scudelarior, 55; Tonelli, 55; Moreno, 55; A. D'Angelo, 105; Estevam, 125; Venda avulsa na rua e na redação, 116000; Um Anônimo, 55; Trazi, 25; um de Santos, pelo Aroca, 25; José Peres, 55; velho Augusto, 25; Amor, 1500; um anônimo, por intermedio de um amigo, 105. — Total, 208000.

CONTRIBUIÇÕES DE VARIAS LOCALIDADES DO INTERIOR

Rio de Janeiro: por intermedio de "A Lanterna", R. Rodrigues, 105; J. Romero, 105; Mme. Zilpa, 5000. Campo Grande: Carvalho, 5000. Poços de Caldas: Batista, 5000 e M. M., 5000. Itaquí: F. Falcão, 5000. Lages: Bacari, 10000. Palestina: Carvalheira, 10000. Mundo Novo: Lahos, 10000. Perús: Giuliano, 10000. Taquaritinga: Grigoli, por pacotes, 255; Silveira, 55 e Nogueira, 2000. — Total geral, 1170000.

LISTA N.º 01, de Olimpia: — Fernandes, 55; G. Pina, 105; Um amigo e companheiro, 15; Aldar, 15; Costa, 25; Sousa, 55; Rami, 15; Mateus, 15; J. R. L., 55; dos Santos, 55; D'Oliveira, 55; De Sá, 25; Galamba, 25; Seabello, 25; Ass. Ef., 205 e O correspondente, 25000. — Total, 92000.

LISTA N.º 14,7 Cotia: — B. P., 55; Vita, 45; Ventura, 25; Alberto, 25; Sebastiana, 500; da Silva, 15; Siliciani, 25; Giacomo, 15; Domingo, 15; Cardoso, 15; Pedroso, 15; Caio, 25; Biagio, 15; Zela, 15; Ferreira, 15; Monteiro, 55 e pacotes, 12000. — Total, 43000.

ASSINATURAS — Recebidas por Domicio M. Guimarães: Monte Azul, M. Rocha, 105; M. Batista, 10000. Bebedouro, D. do Carmo, 55 e J. Zuchi, 10000. Nova Granada, A. Rocha, 105; total 455, menos 95 de despesa postal e porcentagem, 36000.

LISTA DE GARÇA — M. Peres, 105; Suniga, 55; J. Oliva, 55; Bueno, 55; Parlostri, 55; Silveira, 35; Calvo, 25; Silveira, 25; Matrone, 15 e M. Calvo, 18000. — Total, 41000.

LISTA DE QUATA' — Herada, 105; Barros, 55; Lopes, 5000. — Total, 20000.

LISTA DE CURITIBA — P. Cesarino, 105; Perinotti, 25; Vasques, 25; Alberto, 25; Zuppo, 3000. — Total, 21000.

LISTA DE MARILIA — Bassi, 55; Brigidio, 55; Bella, 55; Gimenes, 55 e Avila, 5000. — Total, 25000.

NUCLEOS DE CONTRIBUINTES

Cartão do Ernano, 35; Pedrinho, 25; Cartão n.º 21, Dionisio, 45; Artur, 25 e Almela, 25; Cartão n.º 7, do Festas, 11000. — Total, 24000.

NOSSO BALANCETE

ENTRADAS	
Contribuições na redação	208000
De varias localidades do Interior	1170000
Lista de Olimpia	92000
Lista de Cotia	43000
Assinaturas recebidas pelo camarada Domicio	36000
Lista de Garça	41000
Lista de Quata'	20000
Lista de Curitiba	21000
Lista de Marilia	25000
Contribuintes	24000
627000	
DESPESAS	
Deficit do numero anterior	835300
Confeção e compilação do n.º de hoje	410000
Goma e barbante	6000
Papel e penas	3000
Selos para expedição	25000
Dois toalhas	3000
Clichés para os ns. 55, 57 e 58	27500
Aluguel da Sede, até 12-4.934	60000
1.370000	
CONFRONTO	
Despesas	1.370000
Entradas	627000
Deficit..... 743000	

"Verdades Sociais"

Já está no prelo, e será posto brevemente à venda o interessante livro do camarada J. C. Boscolo, intitulado "Verdades Sociais", que será vendido ao preço de 40000.

Pedidos à nossa redação.

"A SEMENTEIRA"

Com este nome e sob a gerencia do nosso camarada Rodolfo Felipe, acaba de se fundar uma distribuidora dos bons livros, abrangendo a literatura, arte, ciencia, filosofia e sociologia.

Deverá aparecer por estes dias um Boletim-Catalogo, contendo as obras que podem ser adquiridas por intermedio de "A Sementeira", seus respectivos preços, e um breve comentario critico bibliografico.

Todas as pessoas que quiserem adquirir o catalogo, poderão fazer o pedido para a Caixa Postal 195, que lhe será remetido gratuitamente.

Edições de "A Sementeira": "SERVIÇO MILITAR OBRIGATORIO PARA AS MULHERES"; "RECUSO-ME - DENUNCIO!"; Por Maria Lacerda de Moura, "POESIAS E HINOS LIBERTARIOS". Varios autores.

No prelo: "VERDADES SOCIAIS", um livro de 200 paginas de J. Carlos Boscolo.

Comunicados e reuniões

SINDICATO DOS MANIPULADORES DE PAO E ANEXOS CONFEITEIROS (Filial a F. O. S. P.)

Este organismo da classe padral tem se agitado nos ultimos tempos no sentido de promover uma vasta campanha por todas as organizações do ramo existentes no país, afim de em breve haver as possibilidades para a realização de um congresso da classe.

Nesse sentido, por determinação das suas assembleias gerais, foi nomeada uma comissão para iniciar um trabalho de correspondencia entre todos os sindicatos da classe, afim de estabelecer as normas de organização para esse congresso, onde serão discutidos assuntos de palpitante interesse para todos os que labutam no forno e na massa.

Não se pode deixar de aplaudir essa iniciativa do Sindicato dos Manipuladores de Pão.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Manoel Frutuoso, rua Quintino Bocaiuva, 80 — São Paulo.

UNIAO DOS CANTEIROS (Filial a F. O. S. P.)

Comunicamos aos associados que, por determinação da assembleia, mudou-se a sede do Largo do Riachuelo para a rua Florencio de Abreu, 41.

A COMISSÃO.

LIGA OPERARIA DE CONSTRUÇÃO CIVIL

(Filial a Federação Operária de São Paulo)

AOS TRABALHADORES EM CONSTRUÇÃO CIVIL E AO PROLETARIADO EM GERAL — GRANDE REUNIÃO, QUINTA-FEIRA, DIA 22, ÀS 20 HORAS, NO SALÃO

Companheiros: Não satisfeito com ter-nos extorquido as férias do 31 e do 32, o patronato, aliado ao Ministério do Trabalho, quer com as do 33, apertar mais as algemas com que estamos presos à exploração capitalista.

Sem ter em conta que o goso das férias anuais constitui uma das muitas conquistas proletarias, o governo provisório estabelece condições inaceitaveis para o trabalhador amante da liberdade e cioso da sua dignidade. Segundo o ultimo decreto, as férias serão concedidas a troco de que o trabalhador se sindicalize e tire a Carteira Profissional. Isto, e pretender que o operário venda a sua consciencia por alguns miseros tostões, equivale à mesma coisa. Sobre a sindicalização oficial, muito se tem já dito. Não cremos que exista trabalhador algum que ignore ser esta um metodo copiado do fascismo italiano para escravizar ainda mais a classe trabalhadora, impedindo que esta possa conquistar qualquer melhoria economica ou moral. E a Carteira Profissional, embora com sofismas os agentes patronais queiram demonstrar o contrario, não passa de uma arma sempre pronta a ferir, os trabalhadores que queiram defender seus direitos.

Proletarios: A Liga Operaria da Construção Civil, diante desta manobra do governo e do patronato, sente-se no dever de chamar-vos a atenção para a necessidade que ha, se quereis que as férias vos sejam pagas, de congregar esforços com os demais trabalhadores de São Paulo e, unidos, iniciar a luta contra os exploradores que vivem à farta, enquanto os produtores jazem na mais negra miseria.

Companheiros: Na noite do dia 22, todos os proletarios, homens e mulheres, devem patentear à burguesia, que estão dispostos a conquistar as férias sem submeter-se a nenhum vexame, comparecendo à grande reunião que se realizará às 20 horas, no Salão Cervantes, Largo da Concordia. — Nenhum trabalhador consciente deve faltar!

A COMISSÃO EXECUTIVA. São Paulo, março de 1934.

UNIAO DOS ARTEFICES EM CALÇADOS E CLASSES ANEXAS

Segunda-feira, dia 19, como de costume, reunir-se-á a União dos Artífices em Calçados e Classes Anexas, no salão da sede social.

Vandalismo Integralista

Da "Gazeta", de Campos, cidade visitada recentemente pelo bando integralista, transcrevemos o seguinte trecho de uma noticia, que publicamos sem comentarios, com respeito às depradações que os capangas-verdes andaram lá fazendo:

"Puzemo-nos em campo e fomos procurar a pessoa mais autorizada para nos informar sobre esse ato de vandalismo: o guarda noturno José Righetto. E' este nos garantiu que, às 1/2 da manhã, encontrou com um grupo composto de seis pessoas, das quais quatro vestindo a camisa verde dos integralistas e que declamaram a rua 7 de Setembro na pratica daqueles atos reproyaveis.

Pediu, insistiu, mas em vão. Os individuos afirmavam que em toda parte procederam assim.

O guarda, impotente, limitou-se a acompanhá-los em seu quartelão, evitando que males e mais desmoralizadores fossem os excessos das camisas verdes."

Funambulismo bolchevista

Os descendentes de Karl Marx possuem uma impressionante "tática" de luta, capaz de estarrecer os mais leuagmáticos dos observadores do campo político e social. A soberania da "linha" revolucionária bolchevista, espalhada aos quatro ventos pelas trombetas de Moscou, cala tão profundamente na alma da classe proletária, que a todo instante oferece decepções clamorosas, atordoadoras até, para os ingenuos que pensam que o mundo já se encontra debaixo da estirpe de Lenine. Assim, por exemplo, na Alemanha, seis milhões de ovelhas encurraladas e desdisciplinadas dentro do partido comunista, voltaram as costas aos chefes "vanguardistas" para enfileirar-se nas tropas de assalto do salimbando Hitler.

Era tal a mentalidade revolucionária que aquelas máquinas votantes possuíam, dizem os comunistas, que o seu partido, na Alemanha, nunca esteve tão forte como agora! É na impossibilidade de explicar em tão fragorosa derrota, acastaram tolas as armas do seu ódio, da mentira e da calúnia contra Van der Lubbe, o jovem heroico, em cujas atitudes os marxistas tem muito que aprender.

Outro fato que nos revela com uma eloquência invulgar a mentalidade frágil e maleável que a dialética comunista forma nos indivíduos, é o que se está passando na União dos Trabalhadores Gráficos de S. Paulo.

Esta organização tem um passado digno, belo e revolucionário, que está sendo vilmente empurrado por um grupo de comunistas-trotskistas que escolheu como campo de experiência das suas táticas políticas aquele sindicato que, em 1921, orientado pelas mesmas bases que ora defende a Federação Operária de S. Paulo, conseguia alcançar, numa vitória estrondosa para os seus componentes, o salário mínimo, caso único, talvez, em S. Paulo.

Já sabemos que os trotskistas repetirão o proverbial "ritornello" de "Policial", que já é clássico para os comunistas; mas nós costumamos chamar as coisas pelo seu verdadeiro nome, sem tremer e sem perder o senso das responsabilidades.

Os "proceres" aos quais nos referimos, vociferaram raios e trovoadas contra o Ministério e Departamento do Trabalho, contra a Lei de Sindicalização, Carteira profissional e todas as mercadorias que se vendem naqueles estabelecimentos.

Até aqui nada de extraordinário; ao contrário, aplausos por essa campanha sancionada.

Mas é que, num rasgo de heroísmo "tático", os napoleônicos "condutores" no seu diapasão único e desconcertante, passaram-se, com armas e bagagens, para a sindicalização oficial, alegando que a maioria da corporação assim o desejava e que era progressivo o aumento dos "simplicantes" para o Ministério do Trabalho.

De modos que, de "vanguardista" que eram daquela corporação, passaram a ser "retaguarda" de uma mentalidade trabalhada pelo baile, futebol e outras mixórdias que vem deturpar e arrefecer o espírito revolucionário e combativo do operário organizado.

Tiramos disto a seguinte conclusão: ou o marxismo como doutrina social é completamente nua, predispondo o proletariado ao primeiro aventureiro que salta na arena, ou, então, na prática e um simples produto do ambiente. Esta manobra "trotskista-leninista" da oposição da esquerda, seção brasileira, tem uma explicação: a delegação gráfica, junto à Federação Operária, quando ali era filiada, foi sempre composta por elementos trotskistas que esqueciam facilmente os estatutos sindicais da U. T. G. e procuravam transformar a Federação numa "base" de suas ambições políticas. A atuação dos representantes gráficos na Conferência Operária Estadual, em março de 1931, e um atestado eloquente; as teses por eles defendidas foram apresentadas pela minoria comunista da qual faziam parte.

De uma feita, o líder-mor dessa "ala" bolchevista, estando presente a um plenário da Federação teve o desplante de propôr para que aquela entidade federativa peticasse a convocação da constituinte, esse cerco de cavaleiros que ora funciona no Rio de Janeiro. A esta proposta, um representante gráfico, percebendo a incoerência, aludiu aos seus estatutos e votou contra, mas o outro, votou a favor, sendo assim o único voto total. Estes detalhes que parecem sem importância, tem, entretanto, relação com a atitude catastrófica dessa "brigada" gráfica, que sempre procurou o esmagamento da Federação Operária, por ser esta um potentíssimo obstáculo aos seus apetites de recrutamento político. Em artigo de quarta página, no "Trabalhador Gráfico", em sua última fase, estes homens declaravam a U. T. G. inimiga tradicional da Federação Operária, e num comício anti-fascista realizado na "Lega Lombarda", o general chefe da bancada trotskista, ao mesmo tempo que era chamado "policial" pelos seus "camaradas" "stalinistas", fazia esta eloquente declaração: "fazemos a frente única com quem quer que seja, mesmo que no dia seguinte seja necessário exterminá-lo".

A aliança implícita com o Ministério do Trabalho é óbvia e evidente. Trata-se, como vimos, de isolar a Federação na luta ingente em que se encontra empenhada pela libertação do proletariado do Brasil, das malhas da sindicalização fascista clerical, e, num lance de pesadas doses de Leninismo marxista, agregar forças para que "Salgado Filho" possa viver em São Paulo as jornadas de Thiers na comuna de Paris. Não obstante isso, nós, os anarquistas, permanecemos em nossos postos de luta, firmes e impassíveis, afirmando desde já, que eles sofrerão o mesmo desgosto que sofrerem quando, exultando de alegria, aplaudiram a Guarda Civil da Espanha, que, imitando o exercito vermelho, alojava o chumbo de suas carabinas nos peitos varonis dos anarquistas que tombavam ao grito de revolução social. Supuzeram eles que o anarquismo, na Espanha, seria varrido e o sarcófago de leninismo encobriria os anceios libertários da península ibérica. Ilusão de pensamentos estiolados pela obsessão do mando! O anarquismo ali está, juvenil e hercúleo, dardejando o último reduto das instituições históricas daquele país; e numa dessas arrancadas, que são de uma fúria inquietada para os bolchevistas, as suas faces ficarão contrafeitas de espanto, porque uma voz ameaçadora, a voz da consciência proletária, parodiando o jesuíta Honorato Fabre, (*) lhes gritará: — Si o regime anarquista se estabilizar na Espanha, os bolchevistas terão que dar sérias explicações ao proletariado internacional.

PEDRO CATALO.

(*) — O jesuíta Honorato Fabre, por dizer que si o movimento da terra chegasse a ser provado a igreja teria que dar sérias explicações, foi preso e encarcerado na inquisição de Roma, pagando sua audácia com 50 dias de reclusão.

O INTEGRALISMO PROTESTADO

As coisas andam curtas lá pras bandas do integralismo. Parece que a teta está secando em vista da inutilidade, que os seus paratões acharam na demagogia fascista-clerical do "chefe nacional". Uma duplicata da Ação Integralista está em cartório, protestada por falta de pagamento no valor de 5000 Rs.

Entretanto, o sr. Plínio Salgado não é dos que se apertam.

Anda lançando basófia pelas colunas dos jornais, salientando os seus secretários, os seus homens de gabinete, os seus decurções, centuriões e até departamentos femininos com todos os ss e rr.

Isso de letra protestada, sedes fechadas dos seus "núcleos provinciais" por falta de número não tem ne-

ningua importância para quem vive da importância que os outros lhe dão.

Srs. vigários: Muitas quermesses, festas e cavacões para salvar a Ação Integralista Brasileira da falência! XIS.

— Não! não pode ser feliz aquele que tem uma pena e não pode deixá-la correr livremente sem que se lhe depare, em cada página um preconceito, um erro, sancionado pela opinião, uma iniquidade glorificada pela ignorância e pela má fé, sem ferir ridículas susceptibilidades, sem ofender inconcebíveis pudores, sem ir de encontro a grotescas convenções. S. Paulo

A PLEBE

S. PAULO 17 de Março de 1934

Da Espanha anárquica

Os cárceres de Espanha estão abarrotados de presos sociais. Eleva-se a 20 000 o número de trabalhadores, homens e mulheres, que amargam nas prisões da lendária Iberia o crime de pretenderem criar, dar vida, pôr em prática um regime de harmonia social onde não se conheçam as torturas da fome, onde não haja o abismo da luta de classes, onde o amor, a lealdade e o bem-estar de todos, medrem ao calor fecundo do sol da liberdade.

O governo da República socialista dos trabalhadores de Espanha estende pelos campos da península o luto, a dor, a fome, a desolação e o crime.

A tirania republicana, desencadeada pelos senhores do poder, preten-

do pelo comunismo libertário o povo de Espanha vai até ao sacrifício da morte!

PELOS PRESOS E VITIMAS DE UM NOVO ENSAIO HEROICO

Camaradas de todos os países! Somam a muitos centenares, muitos, são varios milhares os presos sociais de Espanha, os anarquistas encarcerados em consequência desta revolução intentada, sufocada, afogada outra vez em sangue pelo Estado burguês espanhol.

Que ninguém, entretanto, deixe de admirar o espirito de continuidade, a tenacidade, a admirável firmeza revolucionária destes proletários ibéricos

Isto, porém, não ha-de interessar aos operários-dos demais países.

Isto ha-de importar-nos a nós, que nos encontramos ensanguentados, moidos, caídos, mas que sabemos refazer as nossas forças, levantar-nos novamente, recuperar as energias perdidas.

Para o mundo inteiro, não ha-de haver mais que a grandeza e a formosura exemplar de um povo que, á prova de lutas, de perseguições, de fracassos, de sangue e de sofrimentos, continúa pugnando por libertar-se; acumula esforço sobre esforço; faz ensaio sobre ensaio, até que chegue o esforço definitivo e realizador.

E a solidariedade que reclamamos em nome dos presos e dos que aqui exercemos a cruz vermelha social,

de abaixar em sangue o idealismo daquele povo indomável.

E na Espanha, apesar dessa rede de opressão e dos massacres praticados pelos homens da lei, o facho da rebelião continua inflamando os peitos proletários, a revolução social marcha em linha réta para a realização desse sonho da liberdade.

No presente numero de "A Plebe" fazemos sentir a voz angustiada de Frederica Montseny, que, num apelo aos trabalhadores de todo mundo, reivindica para os trabalhadores espanhóis o sentimento da solidariedade humana.

É um doloroso grito de dor, mas é também um hino de gloria, que Frederica Montseny canta ao gesto heroico, sublime, grandiosamente livre daquele povo que sustenta há mais de um ano, vai quasi em dois, a luta de barricada contra as instituições do capitalismo, e que, por algumas horas ao menos, viveram em quasi toda a Espanha o comunismo libertário, que calou profundamente na alma do povo ao ponto de já não poder esquecer-se dos momentos de liberdade integral que viveu.

PRO "A PLEBE"



Dois objetos oferecidos a "A Plebe", um pelo camarada C. Pina e outro pelo camarada Freitas, de Campinas, dos quais se fez, em benefício do nosso jornal uma AÇÃO ENTRE AMIGOS.

Esse sorteio correrá com a Loteria Federal do dia 28 de abril proximo.

Os camaradas do interior devem pedir com antecedencia os bilhetes, afim de não prejudicar a extração. Como se vê, são dois objetos de valor, que os amigos de "A Plebe" ofereceram para dar morte ao "deficite".

que, onze meses depois de um movimento de tanta envergadura e que tantas vitimas produziu como o de 8 de Janeiro, tem coragem e audacia bastantes para lançar-se na nova aventura deste gesto, na qual, como na de então, se produziram atos de valor individual, exemplos de heroísmo incomparáveis; em que houve dramas tão espantosos como esse de Alfajar, onde morreram desasseis homens destróçados pela mesma metralha que devia ser a sua arma de ataque, e do qual desasseis familias ficaram ao desamparo.

Depois de um esforço tão laborioso; após um gesto rebelde tão exposto e tão cruento, fica-se exausto e exangue para muito tempo.

Se carece de força orgânica para impôr respeito ao poder constituído, e são necessários meios económicos para apoiar solidariamente aos caídos e ás suas familias.

O principio de universalidade de nossas ideias, a internacionalidade dos postulados que em Espanha se pugna por levar á pratica, nos autoriza a pedir aos trabalhadores de todo mundo, a todos os homens que aspiram a um mundo melhor e que lutam contra as injustiças do presente o apoio moral e material que nesta hora dez mil presos necessitam (*). Dez mil presos, todos proletários, todos camponeses, mineiros, trabalhadores industriais.

Dez mil presos caçados nas batalhas do governo, que, numa defesa cuja legitimidade não discutimos estendeu os seus tentáculos a êsmo, por todas as partes de Espanha e não respeitou crianças, nem velhos, nem mulheres. Companheiros do resto de Europa, da America do Norte!

Uma vez mais, em nome das mulheres e dos orfãos, dos encarcerados nas poeiras das aldeias e nas Bastilhas das capitais; dos vencidos com dignidade neste combate perdido, vos peço o apoio de voossas vozes solidárias, reclamando trato de vencedor sobre para os vencidos; o apoio do vosso óbulo para acudir ás necessidades de tantos lares desfeitos.

Não é este um lamentar eterno, um recomeço, plangente, ainda que o pareça.

Sim, recomeçou-se, se recomeçará novamente, e ainda que outra vez tivéssemos sido vencidos e esta também o tenhamos sido, se recomeçará ainda até á conquista definitiva do mundo novo.

Apenas, isso sim, deveremos todos procurar um momento oportuno, que não se derrame esterilmente sangue precioso e que se saiba morrer para vencer, não para ser vencidos.

Devemos esforçar-nos todos para dar um pouco de cerebro, um pouco de serenidade, de potencialidade reflexiva, de sentido construtivo, a uma bravura, e uma força dinâmica magnificas que se perdem por excesso de sangue nas veias e falta de calma nos nervos.

sempre atenta a recolher os feridos, bem a merecem, oh, sim! este punhado de homens valentes e rudes que foram vencidos depois de uma resistencia denodada, em Aragon, nas terras leonesas, em Andaluza e Rioja, em Valencia e na Galicia, em Extremadura e Catalunha.

Bem a merecem estes mineiros e estes camponeses que viveram um exodo inenarravel, que sofreram um calvario sem nome, correndo como javalis pelas montanhas cobertas de neve, perseguidos pela guarda civil, com os aviões grunhindo sobre as suas cabeças, presas infalíveis das balas e da dinamite.

Bem a merecem esses homens que souberam morrer antes de entregar-se em Vilanueva de La Sirena e em Bujalance, em Saragoça e Ponferrada.

Bem a merecem este punhado de bravos que, se não trem o cerebro de um Kropotkin, possuem o coração e a coragem de um Spartaco.

Heróis anônimos de uma epopeia escrita em sangue, ante a qual se hão de descobrir, admirados e comovidos, todos os homens de Espanha e do mundo!

Frederica Montseny.

Grupo Livre de Ação Social

Recife — Pernambuco

Deste grupo recentemente formado naquele Estado do Norte, recebemos a seguinte comunicação:

Camaradas dos Grupos Terra Livre, e Editor de "A Plebe".

Saudações proletárias.

A vossa circular veio facilitar-nos o trabalho de organização de um grupo, cujas finalidades e métodos são os mesmos a constantes dessa circular.

Este grupo, que se fundou há apenas alguns dias, já está despertando bastante interesse no seio dos homens livres.

O Secretário S. MIRANDA

"A PLEBE" EM OLIMPIA

Respondendo á vossa carta-circular, temos a dizer que aqui estamos tratando da fusão de um organismo que possa arregimentar todos os trabalhadores rurais e operários da cidade.

Como vêdes, não estamos desculpando dos problemas que afetam as nossas ideias de redenção da humanidade.

"A Plebe" aqui é propagada com grande intensidade e tem feito obra de esclarecimento no seio dos trabalhadores, como defensora que é dos direitos humanos.